

Relato de experiência de oficina ministrada no Ensino Superior:

Adequação linguística na esfera jurídica

JÓICE DE OLIVEIRA FERREIRA
MARCIANO RENATO RIBEIRO

RESUMO: O presente artigo apresenta o relato de experiência de prática docente vivenciada pelos pesquisadores em uma oficina ministrada no Curso de Direito da Universidade Federal de Lavras – UFLA. Essa oficina abordou a mudança e variação linguística, bem como a importância da adequação linguística na esfera jurídica, refletindo sobre a compreensão dos falares brasileiros (FONTES MARTINS; GUIMARÃES, 2016) e sobre o preconceito linguístico (BAGNO, 2009). A fundamentação teórica segue os pressupostos teóricos da Sociolinguística que tem por finalidade estudar as variações linguísticas, fazendo com que os falantes de uma mesma língua percebam as suas variedades, ou seja, que na língua há mais de uma forma de dizer a mesma coisa. A variação linguística é um fenômeno social e a língua sendo heterogênea é dotada de variabilidade (LABOV, 2008). Os encontros aconteceram em dois momentos: encontro expositivo e dialogado e encontro prático em que os alunos socializaram suas pesquisas sobre os falares brasileiros e entregaram a produção textual e, posteriormente, entregaram a reescrita do texto (vídeo). A relevância do trabalho consistiu em promover uma reflexão sobre a diversidade linguística de nossa língua e a adequação linguística nos diferentes contextos comunicativos, promovendo assim, o respeito pelos diferentes falares.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Oralidade. Adequação linguística.

ABSTRACT: This article presents an account of the experience of teaching practice experienced by researchers in a workshop given at the Law Course of the Federal University of Lavras - UFLA. This workshop addressed the linguistic change and variation, as well as the importance of linguistic adequacy in the legal sphere, reflecting on the understanding of Brazilian speech (FONTES MARTINS; GUIMARÃES, 2016) and on linguistic prejudice (BAGNO, 2009). The theoretical foundation follows the theoretical assumptions of Sociolinguistics that aims to study linguistic variations, making speakers of the same language understand their varieties, that is, that in the language there is more than one way of saying the same thing. Linguistic variation is a social phenomenon and the language being heterogeneous is endowed with variability (LABOV, 2008). The meetings took place in two moments: expository and dialogue meeting and practical meeting in which the students socialized their research on Brazilian speech and delivered the textual production and, later, delivered the rewriting of the text (video). The relevance of the work consisted of promoting a reflection on the linguistic diversity of our language and the linguistic adequacy in the different communicative contexts, thus promoting respect for different speech.

KEYWORDS: Linguistic variation. Orality. Linguistic adequacy.

Este artigo tem por finalidade apresentar um relato de experiência que aconteceu na ministração de uma oficina no Curso de Direito da Universidade Federal de Lavras – UFLA, realizada nos dias 13 e 27 de junho do ano de 2019. No decorrer dos encontros, foi tratado o tema mudança e variação linguística, bem como a importância da adequação linguística na esfera jurídica. Tendo em vista esse direcionamento, este relato apresentará uma reflexão sobre *preconceito linguístico*, propondo a compreensão das diferenças dos falares brasileiros como uma manifestação cultural. Além disso, este texto busca relatar a experiência de prática docente vivenciada pelos pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Letras, nível Mestrado, que proporcionou uma abordagem sobre a adaptação linguística na esfera jurídica.

Partimos da consideração de ser fundamental, nos contextos de ensino, a possibilidade de explorar, de maneira eficaz, a variação linguística e propor mecanismos que contribuam para a adequação linguística nos diversos contextos de comunicação. Segundo Labov (2008, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social, pois comunica necessidades, ideais e emoções”, sendo heterogênea e variável. Fontes Martins e Guimarães (2016) defendem a necessidade de trabalhar a fala dentro de sala de aula no ensino de língua, como por exemplo, no português brasileiro, mostrando que, em nosso país, há uma variabilidade dos falares, o que minimiza, assim, o preconceito linguístico (BAGNO, 2009).

Reforçamos aqui a importância da variação linguística voltada para o ensino, tendo em vista que a noção de língua ainda está pautada em concepções tradicionais estruturalistas, apresentando lacunas em relação ao livro didático, pois este já vem com respostas prontas, não permitindo que o aluno exponha suas opiniões. Ainda, é notório a predominância do ensino de língua considerado padrão em detrimento da variação linguística existente. Portanto, é fundamental que o sujeito saiba adequar sua fala ao contexto, isto é, ter a habili-

dade de adaptar a linguagem às situações comunicativas do contexto em que se encontra.

À luz teórica de Castilho (2014), o professor deve observar o conhecimento linguístico que o aluno possui ao chegar à escola, por isso o autor defende a importância da língua adquirida em família, pois nela “nos confundimos e nela encontramos nossa identidade” (p. 21).

Outro ponto importante que é abordado neste artigo, mesmo que de maneira breve, é o multilinguismo no Brasil, que deve ser discutido principalmente nas aulas de Língua Portuguesa. Levantamos também a questão das línguas indígenas de hoje e antes da colonização portuguesa no país, desconstruindo, assim, a ideia de língua única no Brasil. Em conformidade com Fontes Martins e Guimarães (2016), é preciso respeitar e valorizar todas as línguas de nosso país. As autoras ressaltam ainda que, “do ponto de vista linguístico, não há uma língua ‘melhor’, ‘mais correta’ ou ‘mais bonita’ do que a outra. Todas as línguas são igualmente importantes e perfeitas em seu funcionamento” (p. 68).

Neste trabalho, apresentamos uma reflexão sobre a diversidade linguística e também sobre o funcionamento do português brasileiro. Para isso, afirmamos que nossos objetivos também são voltados, principalmente, para a importância da adequação linguística nos variados contextos de uso e nos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

A proposta metodológica adotada foi o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica, a partir de uma reflexão teórica e exploratória sobre a questão da variação linguística e adequação linguística. O trabalho se dedicará ao relato da experiência supracitado e, por fim, apresentará a avaliação dos resultados e as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Marcuschi (2010), “fala e escrita passam a ser usados para designar formas e atividades comunicativas, não se restringindo ao plano do código. Trata-se muito mais de processos e eventos do que

produtos” (p. 26). O estudioso ainda aponta que o uso da língua ocupa um lugar importante que vai além de apenas transmitir informações. Assim sendo, a língua não é apenas um sistema de regras, mas uma atividade sociointerativa. Marcuschi (2010) toma a oralidade como o “grande meio de expressão e de atividade comunicativa” (p. 36), e a escrita “não é estigmatizadora e não serve como fator de identidade individual ou grupal” (p. 36). Isto posto, o pesquisador aponta que há práticas sociais que são regidas preferencialmente pela escrita e outras pela prática oral.

Tomemos o caso típico da área jurídica. Ali é intenso o uso da escrita, já que a Lei deve ser tomada ao pé da letra. Contudo, precisamente a área jurídica faz um uso intenso e extenso das práticas orais nos tribunais, o que comprova que numa mesma área discursiva e numa mesma comunidade de práticas convivem duas tradições diversas, ambas fortemente marcadas. Isso sugere ser inadequado distinguir entre sociedades letradas e iletradas de forma dicotômica. *Oralidade e escrita são duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades diversas.* (MARCUSCHI, 2010, p. 37, grifos do autor).

Mesmo com essas evidências, o ensino ainda segue uma perspectiva estruturalista que toma a língua como algo imutável e homogêneo, defendendo que há apenas uma forma de falar e de escrever. Isso mostra que o tratamento da mudança e a variação da língua no ensino ainda é inconstante, ou seja, é pouco trabalhado nas escolas, apresenta muitas lacunas em relação ao livro didático e traz muitos desafios para o professor. Essa crença está relacionada principalmente à normatividade da gramática tradicional, que impera nos manuais de ensino de nomenclatura gramatical, muitas vezes distanciada do uso efetivo da língua. Tal fato não possibilita qualquer tipo de vínculo do aprendizado da língua formal com as significações nos textos reais e nos variados gêneros textuais presentes na sociedade. Diante dessas considerações, é pertinente ressaltar que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes

de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar uma imagem negativa, diminuindo as oportunidades. (BORTONI-RICARDO, 2007, p. 15).

Diante do exposto, ressaltamos que a pesquisa segue os pressupostos teóricos da Sociolinguística, uma das subáreas da Linguística, que tem por finalidade estudar as variações linguísticas, levando em consideração os condicionadores que podem ser internos (linguísticos/estruturais) e externos (extralinguísticos/sociais) fazendo com que os falantes de uma mesma língua percebam as suas variedades, ou seja, as várias formas de se dizer a mesma coisa.

FALA E ESCRITA: USO E EXPERIÊNCIA

Neste tópico, abordamos as concepções de *fala* e de *escrita*, que são duas modalidades de um *continuum*. Conforme Marcuschi (2010), tanto a fala quanto a escrita apresentam os mesmos traços: dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. Nesse mesmo viés, de acordo com Koch e Elias (2009), fala e escrita são duas modalidades da língua, sendo que, “embora se utilizem do mesmo sistema linguístico, cada uma delas possui características próprias” (p. 14).

Nas práticas reais de uso da linguagem, é perceptível a existência de textos escritos que se situam em um contínuo, mais próximos ao âmbito da fala, como, por exemplo, *os bilhetes e as cartas familiares*. Ao mesmo tempo, há textos orais que se situam mais próximos ao âmbito da escrita formal, como, por exemplo, *um noticiário de TV, uma audiência judicial*, dentre outros. Tendo em vista essa hipótese de *continuum tipológico*, Marcuschi (2010) descreve o que vem a ser o referido contínuo, desenvolvendo um gráfico, em que são dispostos os tipos de forma bem esclarecedora, como

(...) são necessárias ações efetivas nos ambientes de ensino, por exemplo, que contribuam para a erradicação do preconceito linguístico, para os reconhecimentos da variação linguística e do próprio funcionamento da língua em uso na sociedade.

apresentado na Figura 1.



Figura 1: Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 41)

Verificamos, nesse gráfico, a linha tracejada representando o contínuo entre os gêneros orais e os escritos dispostos em paralelo e em sentidos opostos. E as linhas verticais representam um ténue limite - que, por não ser rígido, representa-se com uma linha pontilhada - de cada gênero textual. Nesse sentido, em conformidade com Koch e Elias (2009), consideramos que as diversas práticas sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial.

Diante dessas considerações, é perceptível a questão da variação linguística. Em conformidade com Marcuschi (2010), a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, que está situado em contextos concretos tais como o texto e o discurso. Nesse sentido, acreditamos que, para ter o conhecimento consciente de uma língua, faz-se necessário reconhecer suas particularidades (heterogeneidade e variação) que tornam a língua resistente à normalização.

De acordo com Fontes Martins e Guimarães (2016), para que o indivíduo possa se tor-

nar bem-sucedido em suas interações, “o usuário da língua precisa apresentar habilidades que lhe permitam saber selecionar e utilizar adequadamente as diversas formas de que a língua dispõe” (p. 68). E essas habilidades devem ser trabalhadas no ensino de Língua Portuguesa. Contudo, o ensino de língua, como frisam as autoras, não deve ser um “vale tudo”, mas sim uma forma de preparar os alunos para se tornarem aptos a se movimentar diante das diversas situações comunicativas. No mesmo viés, Bagno (2009) considera que:

O que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo, pois, enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma exige desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover a ascensão social dos marginalizados é, se não hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua. (BAGNO, 2009, p. 91).

Nessas perspectivas, notamos que o que se encontra em jogo é a transformação da sociedade como um todo, considerando também as possibilidades de práticas de letramento para os sujeitos. Dessa forma, são necessárias ações efetivas nos ambientes de ensino, por exemplo, que contribuam para a erradicação do preconceito linguístico, para os reconhecimentos da variação linguística e do próprio funcionamento da língua em uso na sociedade.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

No que se refere à metodologia, a temática foi desenvolvida e o conteúdo foi ministrado através de quatro encontros divididos em dois momentos.

Primeiro momento - encontro expositivo e dialogado

A oficina teve início com a apresentação do vídeo *Vai estudar direito?* (esse vídeo apresenta uma linguagem simples e descontraída com tom de humor e proporciona uma reflexão sobre a atuação profissional para o estudante de Direito) e da charge *Norma Culta* (Figura 2) com o intuito de os alunos refletirem sobre a temática do encontro *Variação linguística: adequação linguística na esfera jurídica*.



Figura 2: Cartuns e Ilustrações
Fonte: Kroll (2017)

Os alunos manifestaram opiniões diversas sobre o material apresentado, mostraram-se bastante participativos. Após a exposição dos estudantes, os pesquisadores abordaram a *Variação Linguística* e suas contribuições para o ensino de língua; *adequação linguística* e as diversas situações de uso da língua; *nível de formalidade de acordo com os usos da língua* (fala – formal e informal e escrita – formal e informal). Foram discutidas as várias formas de falar e escrever em uma única língua: a) *variação-fonético-fonológica*, mostrando as diferentes pronúncias, como, por exemplo, do “r” em *carta e mar*; b) *variação morfológica*, como em *suco de caju* (MG), *cajuada* (BA); c) *variação lexical*, como em *mandioca* (MG), *aipim* (RJ), *macaxeira* (RR); d) *variação estilístico-pragmática*, como em *Por favor, aproxime-se!* e *Chega mais!*

Foi abordado também o multilinguismo no país e a noção equivocada de língua única, homogênea, estanque e perfeita em relação às demais. E, para finalizar, foi exibido o vídeo *Sotaques do Brasil*, recorte de uma série que desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro. Vale ressaltar que essa série foi feita a partir da elaboração do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), empreen-

dimento de grande amplitude, de caráter nacional, que tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa.

Segundo momento - encontro prático

O encontro prático aconteceu em duas etapas/atividades: *socialização dos trabalhos e entrega de produção textual*.

Atividade I: Pesquisa e apresentação sobre falares do Brasil

A socialização dos trabalhos consistiu em apresentar cinco falares brasileiros, respectivamente: *falar mineiro*, *falar paulista*, *falar carioca*, *falar nordestino* e *falar sulista*. Cada grupo ficou responsável por pesquisar e apresentar as características do falar de uma determinada região. Foram formados 8 grupos de aproximadamente 7 pessoas, sendo: falar mineiro (2 grupos); falar paulista (1 grupo); falar carioca (2 grupos); falar nordestino (2 grupos); falar sulista (1 grupo). Os alunos se mostraram bem criativos em relação a essa atividade, pois cada grupo apresentou o falar escolhido de um modo, ou seja, por meio de música, programa de receita culinária, dentre outros. No dia da socialização dos trabalhos, cada grupo entregou uma produção textual referente ao falar pesquisado. Nessa produção, os alunos realizaram uma análise reflexiva sobre a fala do (s) indivíduo (s), presente (s) nos vídeos, observando aspectos como pronúncia, entonação, grau de formalidade, idade, gírias etc.

Atividade II: Prática de reescrita de texto (vídeo)

Nessa atividade, cada grupo recebeu um vídeo (selecionado pelos pesquisadores) sobre orientações jurídicas ou vídeo-aulas para curso de Direito com níveis de formalidade variados. O objetivo da tarefa consistiu na escolha de um pequeno trecho do vídeo (aproximadamente três minutos) e, em seguida, cada grupo deveria reescrever a fala do locutor na escrita formal da língua. Além da tarefa de reescrever a fala selecionada, cada grupo fez, por escrito, um comentário reflexivo a respeito da fala analisada e reescrita.

AValiação DOS RESULTADOS

Os encontros descritos tiveram como finalidade propor aos discentes uma reflexão a respeito da legitimidade da diversidade linguística e pensar sobre a adequação nos contextos de uso para refutar preconceitos e desenvolver a prática consciente da língua. Ainda, objetivaram apresentar condições para o reconhecimento da variação linguística, envolvendo as atitudes e intervenções que ocorrem referentes ao assunto “variação e adequação” que repercute na aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes do Curso de Direito.

Após a discussão sobre as concepções de língua, variação e adequação linguística, foram propostas as atividades práticas à turma, que consistiram, respectivamente, em uma pesquisa sobre falares do Brasil e produção textual (atividade 1) e na reescrita de vídeo (atividade 2). Essas atividades tiveram o intuito de contribuir para a ampliação do horizonte sobre a existência das variações linguísticas e para a descoberta de novas formas de utilizar e/ou adequar as funções da língua diante dos diversos contextos de uso real.

Os encontros aconteceram de forma satisfatória, pois, mesmo os alunos não tendo conhecimento sobre sociolinguística, fonética e fonologia, entre outros, ainda assim fizeram um excelente trabalho.

Durante a apresentação oral, os alunos apontaram questões a respeito do falar escolhido, tais como pronúncia, gírias e aproximação da fala do leitor/espectador como forma de abranger um público maior (níveis de formalidade). Apontaram entre eles questões de pronúncia como, por exemplo, “r” retroflexo, “r” velar (chiado) e o sotaque nordestino. Perceberam a importância de se adequarem a diferentes eventos comunicativos e de respeitarem aos demais falantes independentemente da situação sócio-econômico-cultural em que se encontram. Em relação ao profissional do Curso de Direito, os alunos conseguiram perceber a relevância do ensino de língua no ensino superior e da adequação linguística para que saibam adequar-se às diversas situações interacionais.

Ressaltamos também que, por meio dos estudos empreendidos, os discentes colocaram em prática os conceitos abordados sobre variação linguística, aprimorando o senso crítico, principalmente, a respeito da adequação da fala a ser utilizada conforme o contexto comunicativo. Isso se confirma por meio da atividade escrita, em que deveriam fazer uma reflexão do que foi trabalhado e entregar por escrito aos pesquisadores. Como pode ser observado na consideração apresentada por um grupo, “Grupo X”, (mencionamos “Grupo X”, estrategicamente, para evitar a identificação dos alunos integrantes do grupo), responsável pela pesquisa do *Falar Carioca*, na Atividade 1 *Pesquisa e apresentação sobre falares do Brasil*:

Nessa breve análise realizada percebemos a importância das variações regionais na nossa língua, pois cada uma carrega consigo a história e a identidade dos habitantes daquela região. Além disso, algumas variáveis como contexto, idade, classe social e profissão vão interferir diretamente na maneira de falar podendo haver ainda algumas diferenças dentro da mesma variante. Ademais, é preciso desconstruir a ideia do falar correto e estimular o respeito entre essas diferenças com o intuito de extinguir qualquer forma de preconceito. (Grupo X, na Atividade 1 *Pesquisa e apresentação sobre falares do Brasil*).

Em relação aos procedimentos avaliativos, consideramos, principalmente, o interesse, a participação e o envolvimento dos alunos na realização das atividades. Pontuamos também a abordagem dos tipos de variação e análise apresentados pelos grupos através da articulação de ideias, argumentação e posicionamentos crítico-reflexivos relacionados aos fundamentos abordados.

Dessa forma, ao desenvolvermos essa proposta prática de trabalho com os estudantes do primeiro período do Curso de Direito, foi possível proporcionar uma reflexão sobre as questões que envolvem variação e adequação linguística, com implicações diretas no uso da língua. Tal pro-

(...) que os conhecimentos da sociolinguística, a respeito da mudança e da variação linguística, bem como a adequação linguística, sejam levados para todos os outros cursos e não somente para a esfera jurídica, despertando, assim, o respeito à língua falada e uma conscientização junto ao alunado, para que não haja lugar para o preconceito linguístico.

posta trouxe grande satisfação para nós, pesquisadores, uma vez que houve o envolvimento e o entendimento sobre o tema trabalhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a proposta deste trabalho foi refletir sobre a necessidade do ensino da variação linguística dentro de sala de aula. Enquanto professores e pesquisadores, este estudo nos possibilitou refletir sobre a hipótese de sermos capazes de fazer uso da língua nas modalidades oral e escrita e sabermos transitar nos diversos espaços comunicativos. Nesse sentido, devemos também levantar questionamentos a fim de sensibilizar os alunos para a questão do multilinguismo em nosso país, desconstruindo a ideia equivocada de que a Língua Portuguesa é a única existente no Brasil. Para isso, é preciso abordar como foi a constituição do nosso português brasileiro, quais foram as contribuições linguísticas dos povos (indígenas, africanos, etc.), qual é a situação das outras línguas em nosso país, bem como o ensino bilíngue.

É fundamental abordar a riqueza linguística e cultural brasileira, promovendo o respeito e a valorização das línguas para que não haja espaço para o preconceito linguístico. Mas, ao mesmo tempo, é preciso capacitar o aluno para que ele possa ser um usuário competente da língua, a fim de compreendê-la em seu funcionamento real, e estar ciente de que há formas e variedades prestigiadas e estigmatizadas, por isso a importância de saber adequar-se a cada situação linguística. Nós, enquanto professores, acreditamos na relevância do conteúdo ministrado. E que os conhecimentos da sociolinguística, a respeito da mudança e da variação linguística, bem como a adequação linguística, sejam levados para todos os outros cursos e não somente para

a esfera jurídica, despertando, assim, o respeito à língua falada e uma conscientização junto ao alunado, para que não haja lugar para o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 52. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.
- CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. 8 ed. São Paulo: Contexto. 2014.
- KOCH, I. V; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção. São Paulo: Contexto, 2009.
- KROLL, R. **Charge**. 2017. Disponível em: <<http://www.robertokroll.com.br/>>. Acesso em 01 de jun. de 2019.
- LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FONTES MARTINS, R. M. F; GUIMARÃES, D. M. O. A prática da variação linguística e a variação linguística na prática da sala de aula. In: CANO, M. R. O. et. al. (Org.) **Língua Portuguesa**: sujeito, leitura e produção. São Paulo: Blucher, 2016, p. 65-78.
- UNIVERSIDADE DE MARÍLIA. **Vai estudar direito**. 2016. (04m31s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lw6yg22Z5Vo&feature=youtu.be&fbclid=IwAR3C-ZwUyR779El89s9PrLnOa-2Tu3ADPCPiuFfBmopkh6ccOL2Lf-nb2Ps>>. Acesso em 01 de jun. de 2019.

SOBRE OS AUTORES

Jóice de Oliveira Ferreira é Licenciada em Letras Português/Inglês e suas Literaturas. Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). É membro do Grupo de Pesquisa Sonoridade e Interfaces – SONINTER (CNPq), vinculado ao Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras – DEL/UFLA, onde desenvolve estudos em Fonética e Fonologia, Sociolinguística, aquisição da linguagem, alfabetização e letramento.

Marciano Renato Ribeiro é Licenciado em Pedagogia e Letras. Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). É membro do Grupo de Pesquisa Sonoridade e Interfaces – SONINTER (CNPq), vinculado ao Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras – DEL/UFLA, onde desenvolve estudos em Fonética e Fonologia, Sociolinguística, aquisição da linguagem, alfabetização e letramento.